



ENSAIO

UM MESTRE PARADOXAL DO CUIDADO DE SI

Arlindo R. Picoli¹

Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha (FESVV), Vila Velha/ES - Brasil

Ingrid Müller Xavier²

Colégio Pedro II - Brasil

Walter Omar Kohan³

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/RJ - Brasil

RESUMO – Um mestre paradoxal do cuidado de si. Este texto recupera a investigação sobre o cuidado de si (*epiméleia heautoû*), tal como trabalhada nos últimos cursos de M. Foucault no *Collège de France*. Trata-se de uma pesquisa teórica com base na leitura e interpretação de textos. Por razões de enfoque e espaço, seu eixo serão as referências à concepção socrática do cuidado de si nos cursos de 1982 (*Hermenêutica do Sujeito*, São Paulo: Martins Fontes, 2004a) e de 1984 (*A coragem da verdade*, ainda não publicado quando foi escrito esse artigo). A hipótese que guia a investigação, da qual este trabalho é um resultado provisório e parcial, é que a perspectiva foucaultiana sobre o cuidado de si contribui para pensar significativamente alguns problemas da educação contemporânea, particularmente no que diz respeito à constituição da subjetividade presente nas relações entre os diversos atores envolvidos nos processos educacionais. Neste trabalho especificamos essa contribuição em torno do caráter paradoxal da concepção socrática do cuidado de si.

Palavras-chave: Cuidado de si. M. Foucault. Sócrates.

ASTRACH – Um mestre paradoxal do cuidado de si. This text draws back to the investigation on the care of the self (*epiméleia heautoû*), as developed by M. Foucault on his last courses at Collège de France. It is a theoretical research based on reading and interpreting texts. For its focus and space reasons, its thematic axis will be the references to the Socrates's concept of the care of the self in the courses of 1982 (*Hermenêutica do Sujeito*, São Paulo: Martins Fontes, 2004a) and of 1984 (*A coragem da verdade*, still to be published when this article was finished). The hypothesis that guides this investigation, from which this paper is a provisional and partial result, is that foulcaultian perspective on the care of the self contributes to meaningfully thinking some problems of contemporary education, especially those regarding the subject constitution that is within the relations of the several actors involved in the educational processes. In this paper we specify this contribution concerning the paradoxical aspect of Socrates' concept of the care of the self.

Keywords: Care of the self; M. Foucault; Socrates.

¹ Professor da Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha, Mestre em Educação - Proped/UERJ

² Professora do Colégio Pedro II, Doutora em Educação - Proped/UERJ

³ Professor da UERJ, Pós-Doutor em Filosofia da Educação - Université Paris 8.

SUJEITO, VERDADE E CUIDADO DE SI

No curso de 1982, *Hermenêutica do Sujeito*, a investigação toma como ponto de partida a noção de cuidado de si visando a temática mais ampla das relações entre sujeito e verdade. Trata-se de uma aposta que o próprio Foucault qualifica de “paradoxal e sofisticada” (2004a, p. 4 - 5), na medida em que seu ponto de partida é uma noção desconsiderada pela historiografia da filosofia. Sua análise recobre um longo período da história das práticas do cuidado de si, desde sua pré-história filosófica até o milênio que se estende do século V a.C ao século V d.C. Este longo período é subdividido em três momentos: o momento socrático-platônico, século V a.C., do qual nos ocuparemos neste trabalho; a idade de ouro do cuidado de si, século I e II d.C.; e a passagem do ascetismo pagão ao ascetismo cristão, séculos IV e V d.C.

O momento socrático-platônico foi precedido, na Grécia arcaica, por práticas tais como os rituais de purificação que tinham lugar nos mistérios órficos, e nos rituais pitagóricos, e o exercício de afastamento do mundo exterior (*anachorésis*), também com raízes no orfismo, segundo Platão descreve no *Fédon*⁴. Essas práticas, que parecem ter seus antecedentes na Lacedemônia, foram gradativamente apropriadas, em um primeiro momento, por movimentos religiosos e, posteriormente, por movimentos filosóficos. Segundo Plutarco, Alexândrides, um espartano, teria dito que, ocupam-se de si mesmos aqueles que têm como delegar os negócios aos escravos. Assim, num primeiro momento, o cuidado de si é, antes que outra coisa, um privilégio econômico, social e político.

O primeiro momento do qual Foucault se ocupa é o socrático-platônico⁵. A partir de sua análise do diálogo platônico *Alcíades*, Foucault considera Sócrates o mestre do cuidado de si, e enfatiza que a emergência do cuidado de si na filosofia está vinculada a uma faixa etária determinada, a adolescência e a uma camada social específica, a saber, aquela destinada a governar a

⁴ PLATÃO, *Fédon*, 67c; 70a e 83a.

⁵ Foucault não faz referências à “questão socrática” (como interpretar os diversos testemunhos sobre Sócrates) e se ocupa diretamente dos *diálogos* platônicos com algumas referências a Xenofonte.

cidade. Alcibíades era um aristocrata ateniense com intenções de governar a *pólis*, recém saído da adolescência e da mão do *pedagogo*, quando Sócrates passa a se interessar por ele. Os gregos chamavam *hóra* a esse momento de ingressar na vida política quando então o jovem deve ocupar-se consigo mesmo⁶.

Sócrates decide ocupar-se de Alcibíades porque percebe que ele não se contenta mais com apenas desfrutar de sua beleza, riqueza e influência; ele quer se tornar um político, quer “*transformar o privilégio de status, a primazia estatutária em governo dos outros*” (FOUCAULT, 2004a, p. 44). Sócrates diz que Alcibíades deve aplicar seu espírito sobre si mesmo, pois, para ser um político, o indivíduo deve conhecer-se a si mesmo⁷. Comparado com seus rivais espartanos ou persas, Alcibíades se encontra em franca desvantagem, pois, órfão de pai e mãe, apesar de ter tido Péricles como tutor, sua educação ficou – como, aliás, era habitual entre os atenienses – aos cuidados de um escravo ignorante, um pedagogo⁸. Durante sua conversa com Sócrates ele pôde perceber sua ignorância, bem como sua inferioridade não só na educação, mas também na riqueza e na ausência de um saber, uma *téchne*, que compensasse estas deficiências. No diálogo com Sócrates, Alcibíades sequer é capaz de definir o que é o bom governo da cidade, e admite que talvez tenha vivido até então em estado de “vergonhoso esquecimento de si”⁹. Contudo, Sócrates o anima, afirmando, para tanto, que se ele tivesse percebido isto aos cinquenta anos, não seria nada fácil tomar-se a si mesmo em cuidado (*epimelethênai sautoû*) mas, ao contrário, ele está justamente na idade certa para isto¹⁰.

No *Alcibiades*, Foucault destaca quatro características do ‘cuidado de si’. Primeiro, ‘ocupar-se consigo mesmo’ surge de uma necessidade política e é

⁶ Foucault, 2004a, p. 84.

⁷ PLATÃO, *Alcibiades I*, 124b.

⁸ “O ‘pedagogo’, do grego, *paidagogós* é textualmente, ‘o que conduz a criança’ (...) o pedagogo era habitualmente o escravo encarregado de acompanhar a criança aos lugares em que se ministrava o ensino.” CASTELLO, L. A. e MÁRSICO, C.T., *Oculto nas palavras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, no prelo § 43

⁹ PLATÃO, *Alcibiades I*, 127d.

¹⁰ *Ibid.*, 127e

condição para governar os outros. Segundo, o ‘cuidado de si mesmo’ pode compensar a insuficiência na educação, atribuída à ignorância do pedagogo de Alcibíades e, de uma maneira mais geral, da educação ateniense frente à espartana ou a persa; envolve também a inadequada educação erótica, fruto do interesse dos amantes, os quais, apenas preocupados em desfrutar da beleza do jovem, não o incentivaram a cuidar de si mesmo. Se a primeira característica está ligada a uma condição para governar os outros, esta é produto de ter sido deficientemente governado pelo pedagogo e pelos amantes. Terceiro, o cuidado de si tem idade certa, aquela em que o jovem não está mais na mão do pedagogo e seus amantes já não mais se interessam por ele. Por fim, quarto, o cuidado de si surge da ignorância do objeto desejado. Como Alcibíades não sabe o que é o bom governo, precisa primeiro ‘cuidar de si mesmo’.

OS OBJETOS DO CUIDADO

O que é cuidar-se a si mesmo? (*Alcibíades* 127e) A pergunta desdobra-se em duas: o que é o si mesmo? e, o que significa cuidar? As perguntas exigem uma resposta que dê conta do desafio colocado a Alcibíades: encontrar um saber, uma arte (*téchne*) que lhe permita governar bem os outros¹¹. No *Alcibíades*, o objeto do cuidado é a alma (132c). Com efeito, quem cuida de si ocupa-se daquilo mesmo que se é, o ‘eu’, a alma, na terminologia socrática, o sujeito, no momento moderno. Foucault marca o caráter paradoxal desta relação de exterioridade do sujeito consigo mesmo: ele se serve de sua alma para conhecer essa mesma alma¹² Qual técnica permite cuidar da alma? É o conhecer-se a si mesmo, o *gnôthi seautón*, que aparece para dizer, de maneira direta e decisiva, que o ‘cuidado de si’ é o conhecimento de si mesmo¹³. De maneira tal que, argumenta Foucault (2004a, p. 85), o conhece-te a ti mesmo se justifica ou adquire seu sentido no marco do cuidado de si. A partir deste momento, surge uma justificativa e um entrelaçamento – que o próprio Platão desenvolve e consolida nos seus *diálogos* de maturidade – para que todas as práticas

¹¹ Foucault, 2004a, p. 51.

¹² *Ibid.*, p. 56.

¹³ PLATÃO, *Alcibíades I*, 132c

espirituais, que estavam organizadas em torno do “cuidado se si”, passem a estar organizadas sob o ‘conhece-te a ti mesmo’.

No curso de 1984, Foucault dá mais atenção aos diálogos platônicos em que aparece uma outra maneira de responder estas perguntas: Quem cuida de si já não se ocupa de conhecer a alma, mas de cuidar de sua vida, *bíos*; nesta linha, são as maneiras de viver, as práticas da existência, que constituem o objeto fundamental do cuidado. E quem cuida de sua vida, não se preocupa, sobretudo em conhecê-la, mas em aprimorá-la, em outorgar-lhe um certo estilo; em viver de determinada maneira. Dessas duas linhas nasceram duas concepções da filosofia: conhecimento da alma e experimentação da vida. Trata-se de duas linhas que se complementam e convergem no Sócrates platônico. Se o *Alcíades* entende o cuidado como conhecimento de si, o *Laques* o faz como um modo de vida (Foucault, 1984, p. 33). Em ambos os *diálogos*, a educação dos jovens está em pauta e Foucault mostra como o cuidado neles se afirma sobre um mesmo princípio: a relação entre educação e negligência. No caso de Alcibiades, sua educação é deixada a cargo de um escravo; no *Laques*, o motivo do diálogo é a vida obscura e medíocre de Lisímaco e Melisias, filhos de homens públicos que se ocuparam dos assuntos dos outros e descuidaram a educação dos seus filhos; eles não querem negligenciar a educação de seus próprios filhos como seus pais fizeram com a deles. Trata-se de que eles vivam uma vida que mereça ser vivida, assim como se trata de que Alcibiades possa governar de uma maneira que mereça ser governada.

A *Apologia de Sócrates* é um testemunho vital e complexo. Foucault destaca como ali Sócrates se apresenta como aquele que tem por função fazer com que os outros se ocupem de si mesmos¹⁴. Essa é sua ocupação principal: ele cuida que os outros cuidem de si. Foucault chama atenção sobre alguns aspectos dessa tarefa: a) trata-se de uma tarefa divina, uma missão encomendada pelo deus; b) para ocupar-se dos outros, pela sua posição de

¹⁴ Foucault (2004a, p. 7-9) destaca três passagens da *Apologia* em que Sócrates descreve esta tarefa: 29d, 31a-c e 36b-c

mestre, Sócrates deve deixar de se ocupar de algumas coisas – sua fortuna, sua atividade política –, negligencia, em certa medida, seu próprio cuidado; c) seu papel é o de acordar: “ele se situa exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sonho e chega-se à mais primeira luminosidade” (Foucault, 2004a, p. 11); d) o cuidado de si é como um agulhão que o tавão aplica à existência dos seres humanos; o cuidado é um princípio de movimento, de inquietação permanente.

Na *Apologia*, Sócrates relaciona reiteradamente sua tarefa à vida. Por exemplo, em 28e, descreve a missão que o deus lhe outorgou, ao afirmar que “é necessário viver filosofando”, 28e; ou em 38a, já condenado, coloca o filosofar como algo irrenunciável em sua vida, afirmando que “uma vida sem exame não merece ser vivida”. Contudo, essa tarefa também se especifica num certo trabalho sobre a alma. Por exemplo, em 29d-e, afirma que é vergonhoso que os atenienses cuidem da riqueza, reputação e honra e não cuidem ou reflitam sobre o pensamento, a verdade e a alma a fim de torná-la melhor; essa exortação a tornar a alma “o melhor possível” repete-se em 30b. De modo que, pelo menos na *Apologia*, a vida e a alma estão igualmente envolvidas embora, como destaca Foucault, não se trata ali de conhecer essa alma. De fato, a fórmula “conhece-te a ti mesmo”, significativamente, não aparece no retrato mais detalhado que Sócrates faz de sua tarefa nos *diálogos*.

ESPIRITUALIDADE E FILOSOFIA

Contudo, estas notas do Sócrates platônico mostram apenas uma forma específica – bastante complexa, como vimos – de entender o cuidado si. Foucault destaca que a noção de cuidado de si não deixou de ser um princípio fundamental da atitude filosófica em toda a cultura grega, helenística e romana. Basta pensar, por exemplo, nos cínicos e nos estóicos. Mais ainda, Foucault considera o cuidado de si um “fenômeno cultural de conjunto” nesse longo período de séculos que se especifica em três aspectos: a) atitude geral perante a vida; modo de se relacionar com os outros e com o mundo; b) forma

de atenção e consideração sobre o que se passa no próprio pensamento; c) conjunto de ações transformadoras praticadas de si para consigo (Foucault, 2004a, p. 14).

A principal preocupação foucaultiana que atravessa *A Hermenêutica do Sujeito* é mostrar as razões do predomínio do “conhece-te a ti mesmo” em relação ao cuidado de si, e o “esquecimento” da rica tradição de práticas e exercícios que constituíam esse cuidado. Há razões que dizem respeito à história da moral; porém, as mais significativas têm a ver com a história da verdade: o “momento cartesiano”, que desloca o foco da existência para o conhecimento¹⁵. Na espiritualidade, a vida, como objeto do cuidado, predomina sobre o conhecimento. Ela não está preocupada com o conhecimento, mas com uma série de práticas e experiências as quais constituem o sujeito, isto é, que levam o sujeito a transformar-se. A verdade se dá ao sujeito na transformação de si. Em primeiro lugar, a espiritualidade, em sua relação com a verdade, não concebe o homem, desde já, como capaz de acessar a verdade: para ter direito ao acesso à verdade, o sujeito precisa transformar-se. Em segundo lugar, esta modificação do sujeito, esta conversão, assume muitas maneiras, mas, de forma geral, ela provoca um movimento que muda o sujeito, alterando sua condição inicial e provocando uma ascensão que traz até ele a luz da verdade. Foucault denomina *Éros* a este movimento de transformação; a outra maneira pela qual o sujeito se transforma é pela *áskesis*.

Éros e askésis são, creio, as duas grandes formas com que, na espiritualidade ocidental, concebemos as modalidades segundo as quais o sujeito deve ser transformado para, finalmente, tornar-se sujeito capaz de verdade (FOUCAULT, 2004a, p. 20).

Ao efetuar estes procedimentos, o sujeito, no seu contato com a verdade, recebe um ‘efeito de retorno’, provocando em si uma transfiguração, ou melhor, uma completude sentida como paz e tranquilidade. Foucault sugere que, com a única exceção de Aristóteles, durante toda a antiguidade a espiritualidade e a filosofia jamais estiveram separadas.

¹⁵ M. Foucault, 2004a, p.22.

Mas a partir de um movimento gradual e progressivo as coisas mudam significativamente. Com efeito, a relação do sujeito com a verdade, tal como fixada na e pela filosofia, encontra sua forma acabada no que Foucault denomina o 'momento cartesiano', quando se torna aceitável a ideia de que somente o conhecimento proporciona o acesso à verdade, sem a necessidade de uma transformação do sujeito. Em contraposição à espiritualidade, a filosofia passa a ser considerada uma determinada maneira de pensar, "uma forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade" (FOUCAULT, 2004a, p. 19).

Sendo assim, as condições para o acesso à verdade não serão mais de ordem espiritual. Serão condições intrínsecas, surgidas a partir do conhecimento e expressas em regras objetivas e formais que o próprio conhecimento deverá seguir para chegar à verdade.

A idade moderna das relações entre sujeito e verdade começa no dia em que postulamos que o sujeito, tal como ele é, é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito (FOUCAULT, 2004a, p. 24).

EDUCAÇÃO E CUIDADO DE SI

Em que medida essas considerações sobre o cuidado de si dizem respeito aos processos de subjetivação envolvidos na educação contemporânea? Há diversas linhas de trabalho abertas. Uma tem a ver com o modo como, também a educação, e não apenas a filosofia, encontra-se ainda sob os efeitos do "momento cartesiano"; a forma como nela predomina o "conhece-te a ti mesmo" sobre o "cuidado de si", uma relação de posse externa do sujeito perante a verdade e não de auto-transformação do sujeito no jogo que constitui a verdade. Assim, poderia, por exemplo, examinar-se em que medida os currículos são organizados a partir um modelo compartimentalizado em disciplinas que determinam os conhecimentos previamente e os professores são fundamentalmente transmissores de conteúdos

específicos. Estes conhecimentos, por sua vez, são aferidos mediante exames que visam verificar sua apreensão. Poder-se-ia estudar de que maneira a finalidade desta educação está voltada bem mais para a informação e a formação de modelos subjetivos que reproduzam uma certa relação com o conhecimento. Também, é claro, poderiam ser exploradas as implicações políticas dessa relação, na medida em que o cidadão que se pretende formar – como na fórmula “formar para cidadania” – já tem em vista um determinado modelo, comprometido com certos interesses e certa lógica de funcionamento, seja do mercado de trabalho, da vida cívica, do Estado ou do que for.

Uma outra linha de trabalho comporta analisar em que medida o atual discurso pedagógico dominante, voltado para a qualificação, para a aquisição de habilidades e competências, afasta os sujeitos de estabelecer certas relações consigo próprios, uma vez que é sempre um certo conhecimento externo, exterior ao próprio sujeito, que permite o acesso à verdade sobre si, a seu pensar bem, a seu agir correto, a seu proceder responsável, a seu sentir solidário. A ampla gama de verdades das habilidades e competências já não é mais resultado de um movimento de transfiguração do próprio sujeito, mas de seu grau de conformidade a certos padrões antecipada e exteriormente estabelecidos.

Trata-se de linhas complexas e ainda por percorrer. Em todo caso, importa-nos sinalizar algumas orientações que a inspiração socrática nos pode ajudar a pensar. Diferentemente do ensino praticado hoje, os dispositivos socráticos em torno do cuidado de si, mais do que transmitir certas verdades, procuravam instalar uma certa relação com a verdade, relação de inquietação, de ausência de certeza, de interrogação, de espaço de autotransformação. A mestria socrática, tal como aparece nos *diálogos* primeiros de Platão, não é um tipo de saber, mas uma relação com o saber e com a ignorância; a ignorância não é para Sócrates apenas a ausência de saber, mas, sobretudo, uma potência para ser e viver de uma outra maneira.

Conseqüentemente, não é para um saber que substituirá sua ignorância que o sujeito deve tender. O indivíduo deve tender para um status de sujeito que ele jamais conheceu em momento algum de sua existência. Há que substituir o não-sujeito pelo status de sujeito, definido pela plenitude da relação de si para consigo mesmo. Há que constituir-se como sujeito e é nisto que o outro deve intervir (FOUCAULT, 2004a, p. 160).

O indivíduo não se constrói sozinho, necessita do outro; ninguém aprende a cuidar de si sozinho, mas sempre com a ajuda de um mestre (Foucault, 2004a, p. 58). Sócrates ensina um modo específico e particular de acenar para o papel do mestre: ele afirma uma relação pedagógica em que o mestre não transmite ao aluno o que ele pressupõe que sabe e que o outro ignora, mas uma certa relação de cuidado consigo.

Apesar da noção de cuidado de si aparentemente sugerir, hoje em dia, uma preocupação exclusiva consigo mesmo, uma espécie de egoísmo narcisista, em Sócrates, o cuidado de si, passa pelo cuidado do outro. Quando Sócrates se preocupa com Alcibíades no diálogo homônimo, o que justifica o cuidado de si é o governo da pólis. Se Sócrates renunciou a participar nos assuntos da política, como explicita na Apologia, não foi por temer a morte, mas por afirmar um outro campo de intervenção política na formação dos cidadãos, que Foucault denomina de parresía ética ou filosófica frente às clássicas formas de dizer a verdade na Grécia clássica: a parresía do político, do profeta, do sábio e do professor (1984, p. 1-13). Com efeito, Sócrates não se pronuncia na Assembléia ou no Conselho, porque ali a verdade está submetida à lógica da retórica; não reproduz a palavra profética, mas a coloca à prova em seus efeitos na realidade; não fala, como o sábio, das coisas e da ordem do mundo, mas da alma e do como se deve viver; finalmente, não acredita, como o professor tradicional, possuir saberes ou técnicas que o aluno deve aprender, mas numa relação consigo mesmo que o aluno pode também afirmar para si. Leiamos Foucault:

Em relação à palavra do ensinante, Sócrates estabelece uma inversão de orientação. Ali onde o professor diz: eu sei e tu escuta-me, Sócrates vai dizer: eu nada sei e se eu me ocupo de ti, não é para te transmitir o saber que te falta; é para que, compreendendo

que nada sabes, aprendas por isso a te ocupar de ti mesmo.
(Foucault, 1984, p. 12)

Uma educação não é individualista por se ocupar do indivíduo, mas pelas relações que propicia nos indivíduos consigo e com os outros. A educação atual, que se pretende ou que se diz socializadora, lança mão de estratégias – como os processos de avaliação, que têm como foco e estratégia um indivíduo capaz de produzir sozinho, capaz de competir com os outros –, recompensando, seja na escola ou fora dela, por exemplo, em diversos concursos, os momentos da reprodução individual dos conhecimentos ou competências adquiridas.

No cuidado de si, o mestre busca que o aluno cuide de si, mas não para se fechar ou se destacar sobre os outros. O sentido da intervenção do mestre é fazer com que o discípulo se desloque do modo de ser no qual está. Na questão do cuidado de si – tanto como conhecimento de si quanto como experiência de vida –, o que está em jogo é uma maior atenção para o que, nas discussões pedagógicas, muitas vezes é desconsiderado, já que submetido a questões metodológicas do aprendizado, da avaliação, do currículo: a constituição tanto do professor quanto do aluno como sujeitos não apenas de determinado modo de ser, mas também de um estilo de viver.

Sócrates mostra que só pode provocar no outro um certo trabalho quem já fez “antes” esse trabalho consigo mesmo. Por exemplo, no *Mênon*, depois que Mênon compara Sócrates a um peixe torpedo e diz que ficou completamente enfeitiçado, sem poder falar, Sócrates aceita a comparação com uma condição: “Pois não é por estar eu mesmo no bom caminho (*euporôn*) que deixo os outros sem saída (*aporêin*); mas por estar eu mesmo ainda mais sem saída (*aporôn*) que ninguém, que assim também deixo os outros sem saída (*aporêin*)” (*Mênon*, 80c). Em outras palavras, o professor não pode ocupar uma posição de exterioridade do caminho (*póros*) que ele convida o aluno a percorrer.

Nos termos que interessam a Foucault, Sócrates só pode ser mestre do cuidado porque ele cuida de si. Contudo, Sócrates cuida de si de uma maneira

especial e paradoxal: cuidando dos outros. Assim, o cenário socrático do cuidado de si sugere que, se uma prática educacional busca intervir no modo de ser e de estar no mundo dos seus atores, é preciso, antes de mais nada, que o professor cuide de si mesmo. E cuidará de si cuidando que os outros cuidem de si. Eis o paradoxo do cuidado de si, que não é apenas o paradoxo de Sócrates, mas o de ser professor, da posição do mestre, antigamente, hoje me sempre: cuidar de si “apenas” através do cuidado do outro.

REFERÊNCIAS

- CASTELLO, L. A., MÁRSICO, C.T., *Oculto nas palavras*. Dicionário Etimológico de termos usuais na práxis docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, no prelo.
- DÁVILA, Jorge. Ética da palavra e vida acadêmica. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (orgs.) *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 151-176.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- _____. *Ditos & Escritos*. Vol. V. São Paulo: Forense Universitária, 2004b.
- _____. Aulas de 15, 22 e 29 de fevereiro. Paris: Collège de France, 1984, mimeo.
- PLATÃO. *Diálogos*. Vários Volumes. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade do Pará, 1975.